



JAQUELINE MARTINS

o último tributo

A história do projeto que homenageou as pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 em Alagoas

UFAL

JAQUELINE MARTINS

o último tributo

A história do projeto que homenageou as pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 em Alagoas

UFAL

*Para Rui Agostinho,
Dalva,
Raquel,
Paulo,
Maria Cícera e Helio*

e a todos que perderam a vida em face da Covid-19.

agradecimentos

Para a construção deste livro, contei com a colaboração dos familiares dos homenageados, que além do tempo disponibilizado para as entrevistas, autorizaram a utilização das imagens. Também estendo meus agradecimentos aos demais entrevistados pelo compromisso em contar as suas histórias, e aos voluntários do projeto Memoráveis Alagoas, que contribuíram para a realização deste projeto e propagaram o propósito de honrar a memória dos que se foram em decorrência da Covid-19. Por fim, agradeço à minha orientadora, Mercia Pimentel, que incentivou a elaboração desse projeto e mostrou os melhores caminhos até a sua conclusão.

sumário

05 apresentação

06 não é um número

14 pessoas escrevem sobre pessoas

24 o luto exige gentileza

32 vida contada em prosa e verso

41 os memoráveis

46 mídias sociais



apresentação

Este livro carrega, simultaneamente, uma responsabilidade e um desejo. Ele é responsável por materializar o esforço e dedicação de um grupo de pessoas que lutaram para tornar a divulgação das mortes em decorrência da Covid-19 de forma humanizada e sensível. Por isso, o desejo é o de que as histórias, processos e avanços realizados pelo Memorial Inumeráveis e o projeto de extensão Memoráveis Alagoas sejam (re)conhecidos por mais pessoas, com o legado que eles deixaram para as famílias que sentem a dor de uma perda ainda recente.

A divisão dos capítulos foi realizada numa trajetória de quatro etapas. A primeira foi regida pela insatisfação em relação ao modo como as mortes em face da Covid-19 estavam sendo retratadas na mídia e as condições do surgimento do projeto Memoráveis Alagoas. Na segunda etapa, o foco esteve na descrição da construção e dos processos que formaram uma redação virtual em plena pandemia. O terceiro capítulo é uma amostra do luto dos familiares e amigos que aceitaram participar das homenagens e a experiência dos integrantes do projeto no contato com essas pessoas. A quarta e última etapa da trajetória encerra o livro com uma readaptação de histórias contadas pelo projeto.

Na estruturação deste livro, foram considerados os relatos de profissionais da saúde que atuaram durante a pandemia, integrantes dos projetos Inumeráveis e Memoráveis e de familiares dos homenageados. A partir daí, todas as histórias e seus atores são conectados com um objetivo único: realizar um último tributo para aqueles que se foram em face da Covid-19.

Capítulo 1



não é um número





*"não há quem goste de ser número,
gente merece existir em prosa."*

Edson Pavoni | Idealizador
do Memorial Inumeráveis

Em uma terça-feira, 26 de fevereiro de 2020, foi anunciado o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil. Um homem de 61 anos, que voltava de uma viagem para a Itália, deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein com os sintomas da temida infecção pelo vírus SARS-CoV2 ou popularmente chamado de coronavírus.

A notícia do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, confirmada pelo Ministério da Saúde, tornou palpável o medo da doença chegar ao país. Esse foi o primeiro alerta de que a pandemia tinha chegado e novos casos da doença começaram a aparecer, dia após dia. Entre todas as notícias o que prevalecia eram as incertezas sobre o que estava por vir. Terror e dúvidas encadeadas.

Em março, poucos dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretar o surto da doença como pandemia, foi confirmada a primeira morte decorrente da Covid-19 no Brasil. Essa perda deixou todos vigilantes; o instinto de sobrevivência foi acionado e só uma certeza estava clara: a situação iria se agravar.

No final de cada dia, eram anunciados os números de casos suspeitos, de infecções comprovadas e de mortos. Em todo o mundo, o dia terminava da mesma forma e os números apresentados nos boletins diários aumentavam as dúvidas, o medo e as incertezas sobre a vida.

Após a primeira morte ser confirmada, o Conselho Nacional de Saúde iniciou a recomendação de medidas sanitárias para hospitais e profissionais da saúde. O Ministério da Saúde também começou a orientar sobre medidas básicas de prevenção da doença. Não foi suficiente.


Por trás de cada boletim epidemiológico, cada número e estatística divulgados pela mídia, existiam vidas que foram interrompidas e famílias que tiveram que lidar com a dor de suas perdas.

Quem trabalhou na linha de frente dos cuidados com a saúde sentiu na pele todo o caos. Novos sintomas e complicações, hospitais com UTIs lotadas, respiradores insuficientes, oxigênio em falta. Como ajudar alguém sem ter as condições necessárias para fazê-lo melhorar?

Muitas dúvidas passaram pela cabeça dos profissionais da saúde que enfrentaram a pandemia. Dr. Adilson Silva, médico especializado em clínica médica e residente de Pneumologia na cidade de Maceió - Alagoas, foi um deles. Sobre a triste experiência de vivenciar uma pandemia, ele lamenta todos impactos de se vivenciar uma pandemia, mesmo com toda a sua preparação como médico.

Além de trabalhar e comunicar diversas mortes todos os dias, o médico perdeu a pessoa mais importante da sua vida para a Covid-19: Maria do Socorro, a sua mãe. Nesse período, o sentimento de frustração e a sensação de derrota para uma doença desconhecida e ao mesmo tempo devastadora foram inevitáveis.

Apesar da dor, a luta contra o desconhecido deveria continuar mesmo após tantas tentativas e a única confirmação médica era enfrentar as inúmeras variáveis da doença. Novos estudos sobre o vírus traziam mudanças e o monitoramento dos pacientes era constante.



“Lidar com a morte e enfrentá-la é algo que parece corriqueiro na profissão médica, mas em quantidade tão alta e em tão pouco tempo foi desolador”

Dr. Adilson Silva | Médico



o memorial

Os números divulgados mascaravam toda a dor enfrentada pelas famílias. Não poder se despedir e ver pessoas amadas sendo retratadas como mais um número divulgado na mídia tornaram-se rotinas angustiantes.

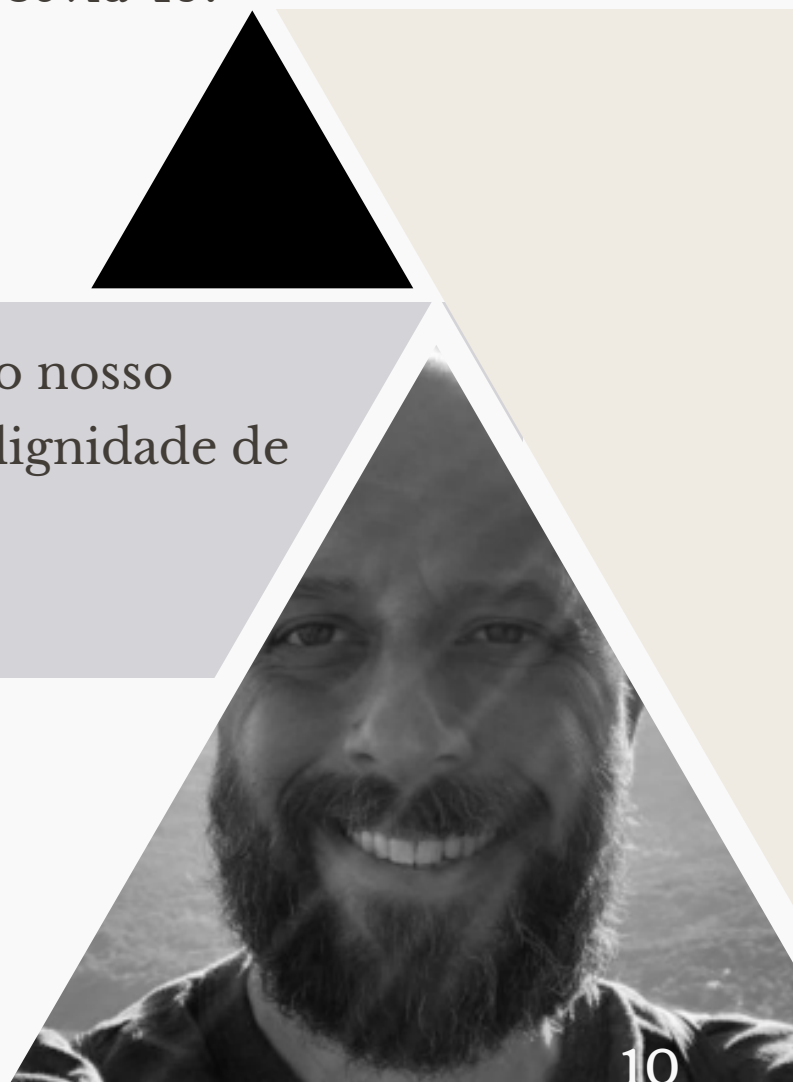
Foi com a insatisfação de ver as mortes sendo anunciadas como vagas estatísticas que surgiu o Inumeráveis, um memorial construído através de uma plataforma online que reúne histórias de milhares de pessoas que se foram em decorrência da Covid-19 no Brasil. As histórias registradas no memorial são contadas por jornalistas e outros profissionais da comunicação, por parentes e amigos das vítimas.

O Inumeráveis nasceu em 2020 com o objetivo de contar histórias e cresceu gerando conexões e solidariedade em todas as regiões do Brasil. Idealizado por Rogério Oliveira e Edson Pavoni, o projeto conectou pesquisadores, escritores e revisores por todo o país com um objetivo comum: honrar as memórias das pessoas que faleceram em decorrência da Covid-19.

Em um momento no qual ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo no mundo, Rogério Zé foi um dos primeiros a conhecer e apoiar a ideia do memorial. O publicitário lidou com o avanço da pandemia durante a sua participação no Inumeráveis, e lembra desse período como um dos mais dolorosos de sua vida, principalmente após a perda do seu amigo, André Russo, para a Covid-19.

"Ao contar histórias, foi possível despertar o nosso papel de cidadão e fazer o mínimo para a dignidade de quem se foi."

Rogério Zé | Publicitário e integrante do Inumeráveis



Ronaldo Souza da Silva



1980 - 2020

Um pavio curto, de coração grande.

Paciência? Ronaldo não tinha. Dizia para Carla: "...deixo para você". Mas, carregava consigo uma espécie de perdão eterno. Não guardava mágoa alguma. Se o chateavam, resolvia logo sua dor. Diante dos efeitos da passagem do tempo, preocupava-se com Carla: "vai me trocar por um cabeludo".

Imagem retirada do site inumeraveis.com.br | Texto de Rogério Zé e Francisco Júnior

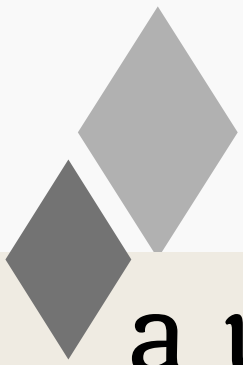
Os relatos das histórias contidos na plataforma do Inumeráveis continuam sendo realizados de duas formas: a primeira consiste na apuração e abordagem de parentes das vítimas, já a segunda forma pode ser feita diretamente por um familiar ou amigo através do site do memorial, o inumeraveis.com.br. Nos dois modos, as histórias são apuradas, mediadas e revisadas antes de serem publicadas pelo projeto. Todo o processo é feito com zelo e respeito pela memória do homenageado.

Um momento marcante durante o percurso de Rogério no projeto foi a primeira história que ele escreveu para o Memorial. Foi por meio dessa tarefa que ele conheceu Ronaldo, "um pavio curto, de coração grande".

Ronaldo Souza da Silva sonhava em ser promovido de fiscal de ônibus da linha Lapa-Santa Mônica em São Paulo para motorista, esse era só um dentre os sonhos que ele deixou inacabados. Seus projetos futuros precisaram ser interrompidos, mas as histórias que ele deixou serão lembradas por todos que fizeram parte da sua trajetória.

Carla, sua esposa, lembrará do nervosismo e do medo de hospital que Ronaldo enfrentou para ver seu filho pela primeira vez. Seus colegas de profissão sempre recordarão do café e pães caseiros que ele levava todos os dias para o trabalho. E seus amigos guardarão na memória as lembranças do mineiro que adorava reunir todos para um churrasco.

Em meio aos projetos interrompidos, os enredos mais preciosos de Ronaldo, construídos em seus 40 anos de vida, ficarão registrados no Memorial Inumeráveis para que outros também possam conhecer.



a união entre dois projetos

Foi uma publicação de uma das histórias contadas pelo Inumeráveis que despertou o interesse da professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, Mercia Pimentel. Após um convite de Rogério Zé, solicitando a adesão de voluntários ao projeto nacional, a professora decidiu adicionar mais pessoas para a corrente do memorial.

Mercia aceitou o desafio e passou a contribuir com a plataforma nacional por meio da criação de um projeto de extensão vinculado à universidade. Assim foi criado o Memoráveis Alagoas, que logo recebeu estudantes, jornalistas, relações públicas e professores da universidade como voluntários para a produção de novos tributos.

O projeto se tornou um modo de fazer com que o sofrimento fosse, de alguma forma, amenizado. Por tratar diretamente com os familiares das vítimas e lidar com o sofrimento, o foco sempre foi o jornalismo humanizado, tanto para abordagem e entrevista com os familiares quanto na maneira de retratar cada pessoa. Assim, visualizar as características peculiares de cada homenageado e apresentá-lo com humanidade e afeto foi o principal pilar do projeto.

"As homenagens se tornaram uma forma de despedida, um acalento para aqueles que não puderam velar os corpos de seus entes queridos."

Mercia Pimentel | Jornalista e Professora



Com esses princípios, o Memoráveis conseguiu contar a história de dezenas dessas pessoas de forma sensível, contrapondo o formato generalista dos números divulgados diariamente no início da pandemia.

Os objetivos dos dois projetos sempre foram contar as histórias das vidas, destacar o legado que cada uma delas deixou, e ser um fio de alento em tempos sombrios. Em meio às narrativas produzidas, a frase Não somos números começou a ser utilizada para representar uma forma de protesto contra a desumanização das informações relacionadas às vítimas da doença.

Hoje, o projeto leva na bagagem histórias contadas por parentes e amigos daqueles que deixaram suas vidas inacabadas em face da Covid-19. Alagoanos foram e estão tendo suas histórias divulgadas por aqueles que os amavam e por jornalistas voluntários, professores e estudantes do seu estado.

A pandemia de Covid-19 foi um período que ficará marcado na humanidade e as histórias dos que se foram permanecerão gravadas na memória.



*peessoas
escrevem sobre
peessoas*



me.mo.ri.al
s.m.

- 1. relato de memórias.*
- 2. obra concernente a fatos ou indivíduos memoráveis; memórias.*

12 de maio de 2020

“Olá, queridos alunos de Jornalismo!

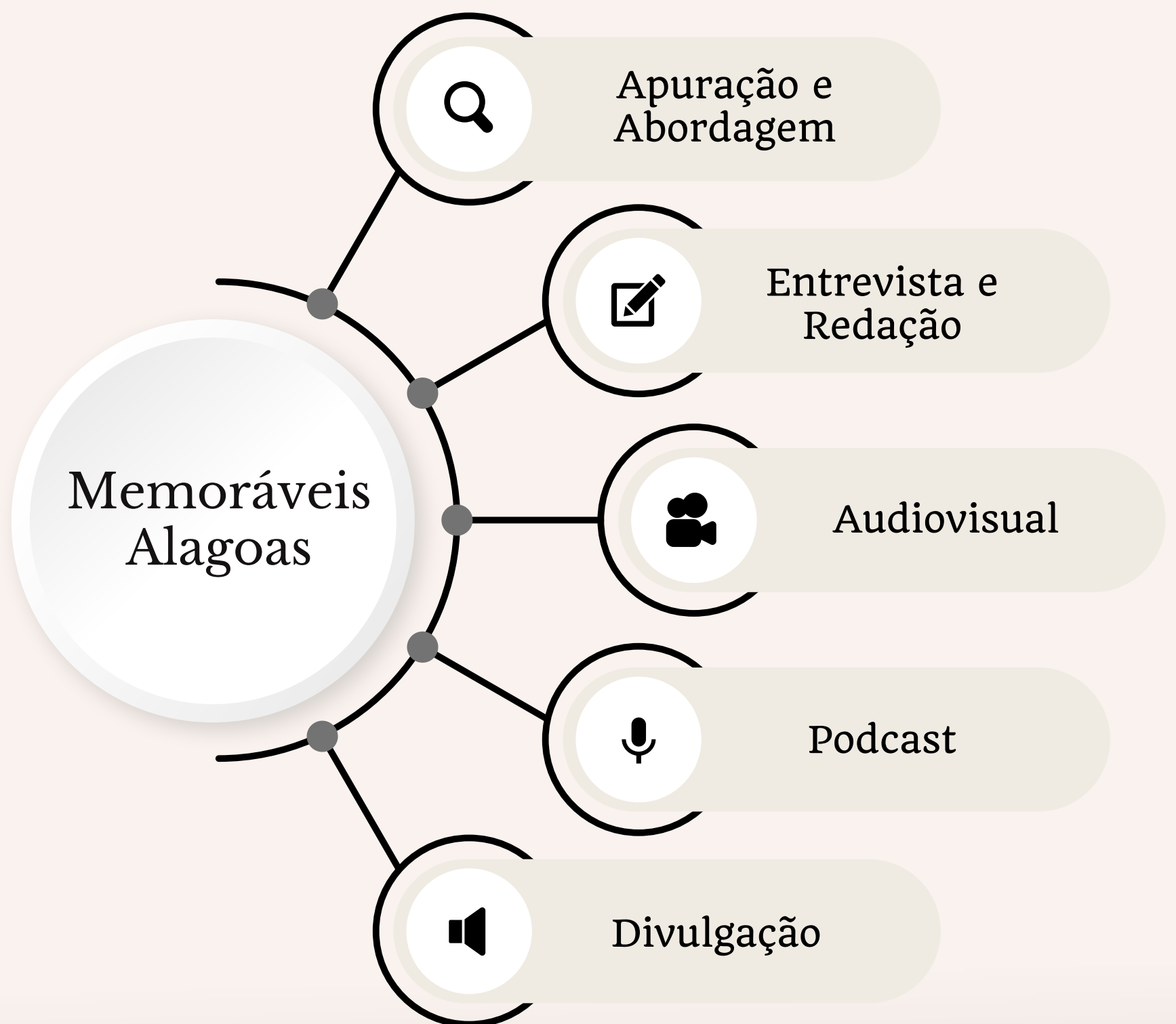
Estou unindo-me a uma rede de jornalistas, professores e alunos da área em todo o Brasil dispostos a colaborar com a construção de textos para o Memorial Inumeráveis, uma plataforma criada para homenagear as pessoas que tiveram suas vidas abreviadas em decorrência do coronavírus no país.”

Essa foi a primeira mensagem enviada pela professora Mercia Pimentel no grupo virtual dos cursos de comunicação da Universidade Federal de Alagoas e marcou o início do projeto que ainda não possuía nome, apenas o interesse de reunir estudantes para contribuir com o relato de histórias para o Memorial Inumeráveis.

Logo o projeto ganhou forma e o suporte de professores e outros profissionais de comunicação do estado. Com as primeiras reuniões, foi escolhido o nome Memoráveis Alagoas para abrigar o objetivo de tornar os relatos produzidos em memórias perenes. Além do nome, também foram estruturadas as primeiras ações do projeto.

Entre as transformações exigidas pelo tempo e pela pandemia, foi necessária a divisão do projeto em alguns grupos de trabalho. Cada grupo ficou responsável por uma etapa do processo de produção e divulgação dos tributos produzidos.

redação virtual





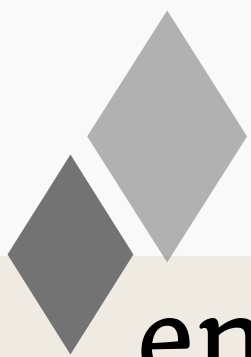
apuração

Em meio à pandemia e às ações de enfrentamento à Covid-19, o isolamento social e a sensação de impotência despertaram o interesse da jornalista Lília Ferreira em contribuir com o projeto Memoráveis Alagoas. Sua participação surgiu da vontade de poder fazer algo a mais em meio ao momento em que estávamos vivenciando.

Desde o início do projeto, Lília trabalhou na apuração de novas histórias e considera esse contato inicial como um dos mais complicados, devido à dificuldade de encontrar pessoas que desejem falar sobre uma perda tão recente. Para ela, a apuração da perda de três entes de uma mesma família em menos de dois meses foi uma das experiências mais difíceis vividas como jornalista: “Abordar o familiar e ouvi-lo foi imensamente doloroso, um dos momentos mais difíceis da minha participação no projeto. Ele perdeu a mãe, o avô e um tio.”

O grande desafio na apuração foi a abordagem de pessoas em processo de luto. Em meio a um cenário de perda de vidas diárias, a abordagem dos familiares exigiu a habilidade de reagir de forma sutil e paciente e, acima de tudo, respeitar a vontade do entrevistado naquele momento de dor.

O esforço para a busca de fontes e a procura ativa de pessoas que solicitam ao projeto a mediação das suas homenagens foi essencial para o desempenho dos outros grupos e a contínua produção de novos relatos. A escuta ativa das histórias também trouxe um pouco de alento para a vida daqueles que lidaram com uma perda inesperada.



entrevista e redação

Existe uma força inerente em todo jornalista que é desenvolvida em momentos críticos da humanidade: a necessidade de não só participar dos fatos, mas de compartilhá-los. Contar histórias e transformá-las em memórias.

Aprender e ter a oportunidade de atuar no jornalismo literário sempre foi interesse de Kamilla Abely durante o curso de jornalismo, e ela conseguiu colocar parte desse desejo em prática através da produção de relatos no Memoráveis.

Os tributos produzidos pelo projeto destacaram mais detalhes sobre experiências pessoais e trouxeram a saudade e a imagem de carinho que o entrevistado tinha do seu ente querido. Esse cuidado para que as palavras retratassem de forma fiel as principais características do homenageado nortearam toda a redação do projeto.

As narrativas foram construídas através de lembranças, mas com o papel de torná-las palpáveis. Os textos foram produzidos como prosa e verso da realidade de cada homenageado, seguindo princípios, como respeito, cooperação e humanização, sem nenhuma menção ao sofrimento.

A celebração da vida e o registro de memórias estavam em primeiro lugar. Por isso, uma das técnicas mais utilizadas na construção das narrativas foi o storytelling, método estruturado de contar histórias com o objetivo de conectar-se com o leitor de forma emocional.

Dentro do contexto do Memoráveis, esse método foi utilizado para que as histórias fossem contadas com emoção e com o resgate dos momentos marcantes dos homenageados. O ato de contar histórias iniciou na entrevista, a partir da sensibilidade das perguntas e respostas do entrevistado. Em seguida, o papel do redator era a impressão das memórias no texto, utilizando elementos textuais com início, meio e fim.

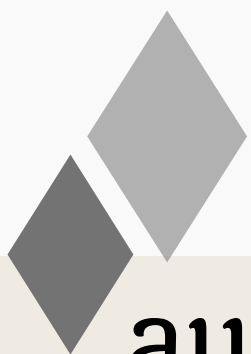
A primeira história contada por Kamilla foi a de Juliano Fiori, que nasceu em Guarulhos e encontrou em Maceió o lugar perfeito para viver com a sua família, a cidade que ele chamava de “paraíso”. A filha de Juliano, Isabella, contou durante a entrevista que uma das suas maiores lembranças do pai era a vontade que ele tinha de fazê-la gargalhar a todo custo e de diversas formas inesperadas.

Contar essa história fez Kamilla aprimorar suas habilidades como ouvinte e também materializar em palavras um pouco da saudade sentida pela filha e esposa de Juliano.

Ouvir, contar e divulgar cada história, respeitando o luto e a dor, se tornou a principal missão do projeto, e outras trajetórias como a de Juliano se tornaram memoráveis.



Fotografia: Renner Boldrino



audiovisual e podcast

Vencedor do Prêmio Expocom 2021, no encontro nacional de comunicação, o grupo de trabalho de audiovisual utilizou as histórias para a construção de vídeos em homenagem às pessoas que se foram em decorrência da Covid-19. Além do destaque nacional, o grupo conseguiu destaque nas redes sociais do projeto.

Foi no Memoráveis que Lucas Rocha aprendeu os principais passos da produção audiovisual e foi um dos principais responsáveis por essa área do projeto.

Com o roteiro produzido a partir do relato e das imagens cedidas pelos familiares dos homenageados, foram produzidos vídeos curtos de até 1 minuto narrados pelos integrantes do projeto.

"Cada nova história demandava um novo olhar, uma nova sensibilidade. E isso me fez crescer muito como jornalista."

Lucas Rocha | Estudante de Jornalismo



A vida de Helio Jugurta foi um dos relatos do projeto que se transformou em vídeo. A memória da tradição do futebol de botão da família Jugurta, brincadeira passada de uma geração a outra e que encantava seus filhos e netos, foi retratada primeiro em palavras e depois em vídeo, através do grupo de audiovisual.

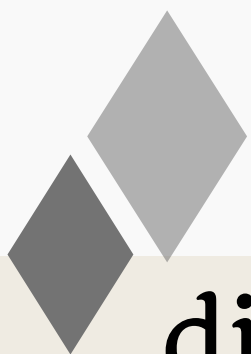
O trabalho cooperativo entre os grupos de trabalho e a divisão em diversas ramificações da comunicação foram determinantes para a construção de um projeto estruturado e consciente sobre seu papel social.

O estudante de jornalismo Eduardo Marinho atuou durante 1 ano no Memoráveis e ficou responsável pela edição dos episódios do podcast, atuação que proporcionou experiência e a aprendizagem de novas técnicas.

Eduardo encontrou conforto no primeiro episódio do podcast ao identificar semelhanças entre a história do homenageado Juliano Fiori com o seu avô, que havia perdido pouco tempo antes da produção do episódio. “Eu tinha perdido meu avô há pouco tempo e ver em Juliano algumas de suas características foi uma espécie de consolo, por saber que também podem existir outras pessoas como eles no mundo.”

Tanto Lucas quanto Eduardo destacam que através da experiência de atuar no Memoráveis foi possível desenvolver um olhar mais sensível para a profissão.

Independente do formato utilizado, o objetivo da produção de cada história sempre foi a de retratar as singularidades de cada homenageado, ser consolo para aqueles que ficaram e, acima de tudo, perpetuar vidas que foram interrompidas tão inesperadamente.



divulgação

Lidar com a saudade foi um ato constante em todas as etapas do Memoráveis. Os textos finalizados de cada história se transformaram e moldaram as demais vertentes do projeto, como os núcleos audiovisual e podcast, e também o grupo de divulgação nas redes sociais.

Assim, a divulgação continuou com o papel de transmitir as homenagens através de textos, imagens, vídeos e áudios. Apesar de constituírem produtos diferentes, todos sempre tiveram o papel humanizador como principal objetivo.

Líder do grupo de divulgação, a estudante de jornalismo Darlanny Silva destaca como as demandas de cada grupo de trabalho foram responsáveis por trazer a realidade da profissão de jornalismo para dentro da universidade: realizar a apuração de fatos e fontes, conduzir entrevistas, escrever e, por fim, atuar na divulgação dos relatos.

Os espaços digitais foram utilizados como recintos de memória e homenagem, assim como um local de partilha e comentários dos familiares e amigos dos homenageados, onde foram compartilhados trechos dos textos produzidos e publicados no memorial nacional.

A extensa divulgação na mídia e participação em jornais locais fizeram com que o Memoráveis transmitisse a mensagem de que as pessoas deveriam ser retratadas com mais cuidado pela mídia, em respeito às suas histórias e à dor de seus entes queridos. Uma dor que chegou a todos os lugares e se tornou coletiva.



*o luto exige
gentileza*



*"o poder da palavra escrita é
terapêutico, conforta o espírito."*

Inoema Nunes Jahnke | Escritora

Escuta. Esse é o primeiro passo para conhecer as dores mais profundas de alguém. Começar com o ato de escutar as dores, os conflitos e as alegrias que ficaram esquecidas foi um processo constante na lida com pessoas em luto. Luto de filhos, esposas, maridos, pais, e amigos que ainda tentavam assimilar tudo o que aconteceu em pouco tempo.

Durante as entrevistas com os familiares e amigos dos homenageados pelo projeto Memoráveis, as perguntas ocuparam nível secundário em um primeiro momento e escutar a dor através das palavras do outro conseguiu alcançar o poder de construir um espaço seguro para o desabafo.


O sentimento de pesar pairava no ar de cada família, diante dos boletins epidemiológicos apresentados nos jornais e das mensagens e conversas pautadas pela pandemia. Uma dúvida que surgia constantemente para os integrantes do Memoráveis Alagoas, principalmente no início do projeto, era como abordar os parentes enlutados e acima de tudo, como lidar com um processo de luto recente.

A verdade encontrada ao longo das entrevistas, contato com os familiares e redação das histórias é que nunca estamos preparados para perder. Essa dificuldade alcançou patamares maiores por acontecer em meio ao colapso dos serviços de saúde e incertezas sobre o que ainda estaria por vir.

No universo de introspecção no qual reside o luto, uma palavra pode ter poder de consolo ou de aflição. A linha tênue entre esses dois sentimentos fazem o objetivo do Memoráveis ser ainda mais delicado. Como realizar uma abordagem e entrevista humanizada diante das circunstâncias de uma perda recente? Quais os melhores meios para isso?

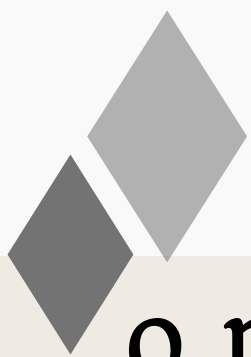
Darlanny, uma das integrantes do projeto, se deparou com algumas dessas perguntas durante a sua participação no grupo de trabalho de apuração. Por isso, desde o primeiro contato foi respeitada a liberdade da resposta negativa. Afinal, querer falar sobre um ente que se foi em pouco tempo não é uma tarefa fácil.

Durante as entrevistas, surgia outra tarefa importante: tocar em assuntos sensíveis e conduzir o entrevistado para lugares mais profundos. Construir os relatos com base na memória e produzir textos sensíveis começou a fazer parte de um processo mais importante que o ato de homenagear. A escuta aliada à escrita dos relatos passou a ser uma forma de consolo para aqueles que conviviam com a dor de uma perda abrupta e sem a possibilidade de despedida.



“Mesmo que não tivéssemos conhecido aquela pessoa que faleceu, ouvir os relatos de frases e acontecimentos que elas viveram, transmitem o quão especial era aquela pessoa, nos olhos de quem a descreveu e estava passando pra gente.”

Darlanny Ribeiro | Estudante de Jornalismo



o poder da escrita

Eliene perdeu o seu marido, Juliano Fiori, em abril de 2020, ainda no início da pandemia no Brasil. A brevidade entre os sintomas e a internação, a falta de conhecimento dos profissionais de saúde sobre a doença e sentir na própria pele o colapso que acometeu a saúde pública fez essa perda ser ainda mais traumática.

A notícia da morte de Juliano não ocorreu por meio do contato do hospital, mas por uma amiga que conhecia a enfermeira que cuidava do caso. Após horas da morte do seu marido, Eliene precisou gritar em frente ao hospital para conseguir mais informações sobre o que tinha acontecido, em um momento que não conseguia segurar a dor de saber que o último momento com seu marido havia acontecido em apenas alguns dias.

A última conversa de Eliene com Juliano foi em uma Unidade de Pronto-Atendimento e ele, ainda ofegante com a falta de ar, fez o seu último pedido: que ela não o deixasse sozinho ali, mas que se realmente precisasse sair, que voltasse com uma Coca-cola. Quando ela voltou, ele já estava sendo entubado e levado para o hospital. É assim que Eliene lembra de Juliano, ainda com vida, conversando e pedindo a sua bebida favorita.

Não poder ver o seu marido para um último adeus e não velar o seu corpo tornou a despedida mais difícil. Para muitos que passaram por experiências semelhantes à de Eliene, a morte ainda estava distante da realidade.

Em meio a dor demonstrada e contada de tantas formas, existiu também a revolta na maneira que aquela perda, tão profunda para todos, era retratada de forma generalizada e até superficial. Por um momento, era esquecido que por trás de todos os números e estatísticas de mortes mostrados diariamente, existiam pessoas com nomes, rostos e uma história para ser contada.

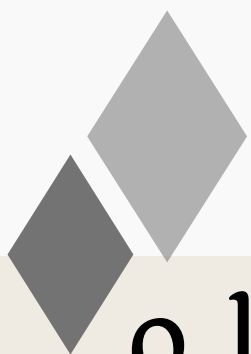


“Onde o Juliano chegava ele fazia história, ele deixava história, ele registrava tudo e ele ficava marcado. Então pra mim, naquele momento de dor, foi um alívio, foi uma alegria muito grande poder falar um pouco dele, da história dele e saber que ele não era mais um e que a história dele estava sendo registrada, estava sendo escrita.”

Eliene Trindade | Viúva de Juliano

Inúmeras famílias não tiveram a oportunidade de acompanhar seus entes durante o tratamento nos hospitais nem fazer seus rituais tradicionais de despedida. Nesse momento, a perda física ainda não se tornou palpável e a última lembrança é a daquela pessoa com vida, respirando e conversando.

Assim, o Memoráveis assumiu um papel além da homenagem das vítimas da Covid-19 e buscou trazer um pouco de conforto para as famílias que perderam alguém durante a pandemia, por meio da escuta ativa e sensibilização na narrativa dos tributos.



o luto

O luto possui diversas facetas, existem os estágios comuns conhecidos como negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e por último a aceitação. Porém, passar por eles não é uma regra para todos, como também não é possível definir o tempo exato para elaboração de todas essas fases. O acompanhamento psicológico foi um dos caminhos encontrados por muitos para iniciar a assimilação das dores causadas pela pandemia.

Renata Estevam, psicóloga clínica que atua no atendimento de pessoas enlutadas, conta que a maioria dos pacientes a procurou pelos sintomas físicos e prejuízos acumulados durante a pandemia e, principalmente, pelo estresse pós-traumático e dificuldade para voltar à rotina sem a presença daquela pessoa que se foi.



"A maior parte desse processo é individual e varia de pessoa para pessoa, podendo sofrer influência da forma como a perda aconteceu, da proximidade com a pessoa que morreu, da religião, da cultura, das crenças que cada pessoa carrega sobre morte e de como a pessoa lida com seus próprios sentimentos."

Renata Estevam | Psicóloga

O luto é um processo individual e gradual, mas para Margarete Malaquias o peso sobre a sua família foi imensurável, após a morte de três irmãos em decorrência da Covid-19: Luis, Linaldo e Mônica. A família é grande e a dor ainda perdura nos momentos de encontro. Preservar a memória deles trouxe um pouco de acalento e a lembrança viva da alegria que eles emanavam.

Enquanto o projeto era desenvolvido, as notícias sobre a pandemia e suas consequências se aproximavam. Não eram só os casos de outras pessoas que os integrantes tiveram que lidar, a doença começou a acometer também seus amigos e familiares.

Lília Ferreira foi responsável por narrar a história de vida de Erivaldo Lopes dos Santos, pai de um amigo querido. Escrever essa história foi difícil pela proximidade com o homenageado, mas uma experiência que contribuiu no seu processo de assimilação da perda de alguém tão próximo.

“Deus é mais’ era o seu lema para enfrentar a rotina diária”, e essa foi a frase escolhida por Lília para representar a vida do pai de seu amigo, que faleceu aos 49 anos em face da Covid-19.



Fotografias: Arquivo pessoal cedido pelos familiares



*a vida contada
em prosa e verso*



*"aqueles que passam por nós não vão
sós, não nos deixam sós. Deixam um
pouco de si, levam um pouco de nós."*

Antoine de Saint-Exupéry | Escritor

Este capítulo é composto por histórias que escrevi para o Memorial Inumeráveis. O processo de escrita delas marcou diferentes momentos da pandemia e todas me tocaram profundamente, seja pela história de cada um ou pela emoção que transbordava durante as entrevistas com os familiares.

A história de Helio Jugurta foi uma das primeiras que escrevi para o projeto e após a divulgação da homenagem nas nossas redes sociais ficou nítida toda a admiração que a família tem por ele. Sua calma e sensatez ficaram marcadas nas histórias que ele construiu durante os seus 84 anos de vida.

Para contar a história de Rui, eu entrevistei Márcia Campos que contou como seu marido era dedicado ao trabalho nas rádios. Ele trabalhou em várias rádios alagoanas e quando faleceu ainda estava trabalhando na rádio Educativa, pertencente ao Instituto Zumbi dos Palmares. Rui passeava em diversas modalidades artísticas com facilidade e a poesia também ocupou um lugar importante e afetivo na sua vida.

Escrever sobre Maria Cícera me encheu de bondade e me identifiquei com a sua conexão com as plantas e o seu prazer em cuidar delas. Assim, como a história de Paulo Casado e sua lealdade à família.

As últimas histórias que escrevi foram a de Dalva e Raquel, mãe e filha que cuidavam uma da outra com muita dedicação. Após conhecer um pouco mais sobre elas, foi possível perceber que elas tinham personalidades diferentes e, ao mesmo tempo, eram muito parecidas.

Deixo aqui o meu carinho por essas histórias, que me emocionaram muito durante o meu percurso como integrante do Memorial Alagoas. Espero que elas também marquem você e que mostrem um pouco sobre quem foi cada um deles.

.



Rui Agostinho

Rui foi conhecido pela seu trabalho nas rádios alagoanas, onde viveu envolvido no mundo da música, teatro e poesia. Sua paixão pela arte foi nutrida desde pequeno, quando era levado por sua mãe para participar de programas de auditório, foi lá que adquiriu o gosto pela música de qualidade.

Apesar de seguir caminhos distintos dos seus pais, um ex-combatente da Marinha e uma dona de casa, sua escolha pela música foi bem aceita pela família. A partir da sua experiência no mundo artístico e seu trabalho nas rádios, decidiu cursar Educação Artística em 1979 e além de dar aula sobre programação musical em diversos cursos, também participou como jurado em festivais de música promovidos no estado.

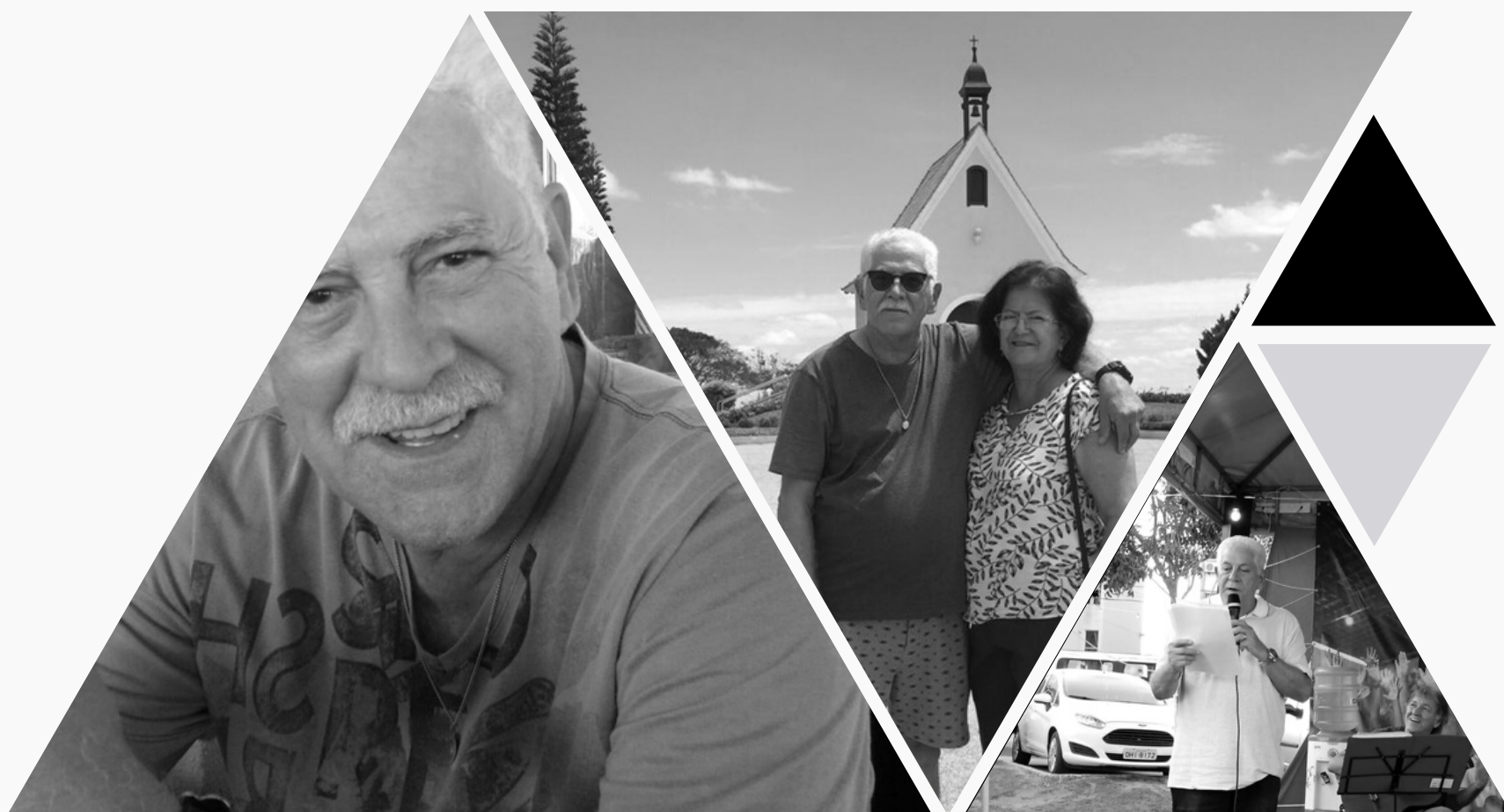
Outro universo que encantava Rui era o da escrita, ele sempre ocupava o seu tempo livre na redação de crônicas e poesias e chegou a lançar o livro “Solos do coração”. Neste recinto criativo, suas memórias de infância se tornaram inspiração, uma delas foi uma professora homenageada em seu livro através da poesia intitulada “Janice”, que também virou música com a participação de seu parceiro musical Petrucio Barreto.

Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, Rui escolheu Alagoas como seu lar e transmitiu em uma de suas poesias a sua paixão por essa terra:

“Um chamado atendido, estou aqui Alagoas
terra de Graciliano e Téo Brandão,
Jorge de Lima e Pedro Ivo,
daqui não saio mais não!”

Foi no seu estado do coração que ele conheceu sua esposa, Márcia, e juntos tiveram dois filhos, Vandrê e Victor. Com a família tinha uma relação de carinho e respeito por todos, fazendo ecoar nas suas relações o mesmo amor que sentia pelo seu ofício.

Seus últimos momentos de vida foram no lugar favorito da sua casa. Quando ele não estava na rádio, passava horas no seu estúdio particular, compondo e gravando músicas, tocando os seus instrumentos e escrevendo as suas poesias. Sua essência ainda está lá, por trás das fotografias, instrumentos e discos que ele zelou por tantos anos.



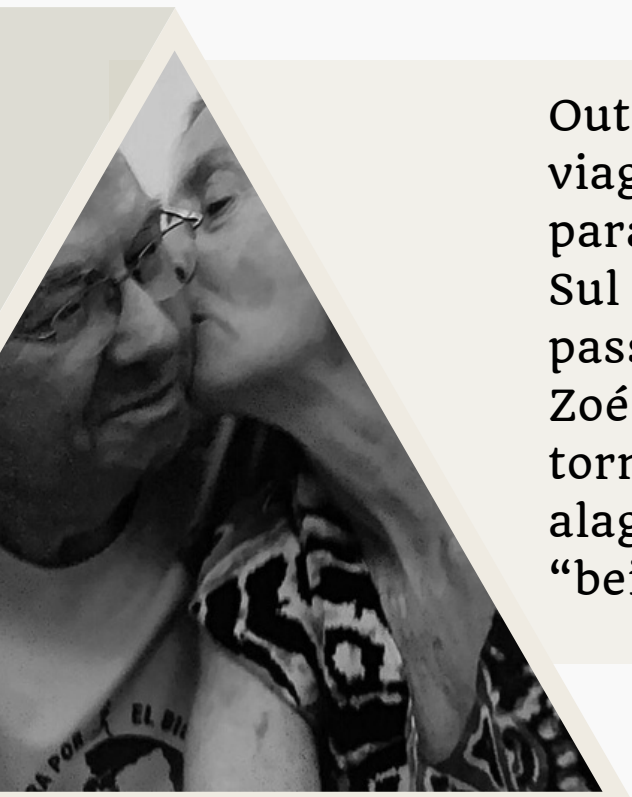
Fotografias: Arquivo pessoal cedido pelos familiares



Helio Jugurta

Helio era o tipo de pai que passava as manhãs brincando com o filho. Depois, como avô, continuou transformando brincadeiras em afeto. Durante a recreação, os jogos mais requisitados eram os famosos da década de 80: futebol de botão, playmobil, autoramas e afins. Mas não era só isso que o caracterizava como “paizão”. Ele foi presente na vida dos filhos e quando presente, estava lá por inteiro.

Amante de Samba e MPB, seu repertório musical era composto de boa companhia como Gilberto, Toquinho, Beth e Martinho. Em suas aventuras musicais tinha o prazer de eleger “A Música do Ano”, Aquarela, de Toquinho, foi uma das eleitas. Apesar do seu coração ser do Samba, chegou a acompanhar o filho em shows de Rock e ainda arriscava fazer gravações, que segundo o próprio filho ficavam “terríveis”, mas mesmo assim os dois acabavam ouvindo as gravações repetidamente após os shows.



Outra antiga tradição familiar criada por ele foram as viagens de camping. Ele viajava com toda a família para inúmeros lugares, principalmente para as regiões Sul e Nordeste. Essas viagens foram apenas uma passagem dentre os 64 anos que passou casado com Zoé, alagoana que conheceu no Rio de Janeiro e tornou-se sua companheira de jornada. Foi na capital alagoana que encontraram o verdadeiro significado de “beijo azul”, uma referência à música Aquarela.

Em seus últimos anos de vida os papéis acabaram se invertendo e sua filha assumiu a tarefa de cuidá-lo. No fim, ele continuou como foi em toda a sua vida: dono de uma tranquilidade indescritível.

Ele faleceu aos 84 anos, em decorrência da Covid-19, na cidade que ele escolheu como a sua casa, Maceió.



Paulo Casado

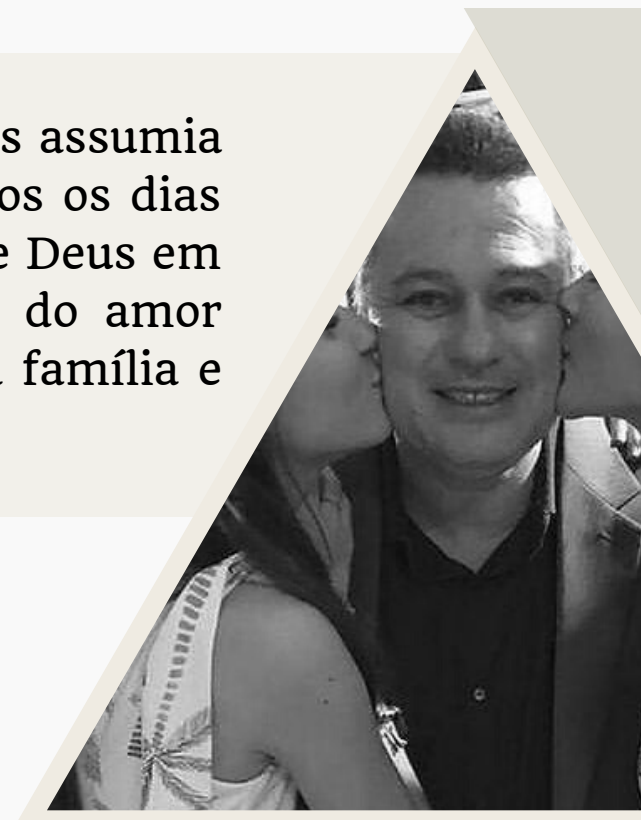
Paulo e Morganna se conheceram em uma festa, na casa de uma amiga em comum, e não se separaram mais. Foram 25 anos juntos, 21 de casados, 4 de namoro e muita história para contar.

Eles tiveram duas filhas, Lavínia e Eduarda. Paulo sempre foi leal e dedicado à família, e sua marca registrada eram as brincadeiras e um abraço apertado. Era o tipo de pai que fazia questão de levar a filha no trabalho para que pudessem aproveitar o tempo e ir conversando no caminho. Entre eles era mantida uma paixão compartilhada com os times do coração: Flamengo e CSA, juntos não perdiam um jogo.

Paulo utilizava o seu tempo com qualidade e não perdia o cafezinho com a mãe, nem o almoço durante a semana com o pai. E assim, ele dividia o seu tempo entre a sua família e o trabalho como policial civil.

No trabalho, era apaixonado pela profissão, onde foi o chefe da delegacia, e mantinha uma longa parceria com seus companheiros de trabalho. Paulo sabia investigar como ninguém e era verdadeiramente apaixonado pela sua profissão.

Com sua família, o policial era deixado de lado, pois assumia seu papel de marido, pai e filho com carinho. Todos os dias iniciava o dia enviando mensagens sobre o amor de Deus em suas vidas. Hoje, todos engrandecem e lembram do amor que também foi refletido por Paulo, que amou sua família e amigos com tamanha intensidade.





Dalva e Raquel

Dalva nasceu em Recife, mas veio aos 10 anos para Maceió morar com uma tia após o falecimento dos seus pais. Foi em terras alagoanas que ela viveu até o seu último dia e também onde conheceu Ribeiro, homem justo e cuidadoso, com quem teve quatro filhos: Rute, Ridalva, Ricardo e Raquel.

Em sua casa, sempre tinha espaço para mais um e ela recebia com carinho parentes, amigos e até desconhecidos que apareciam de passagem pela cidade. Mesmo após seus filhos casarem, a casa de Dalva se manteve cheia com seus bichos: cães, gatos e um papagaio. Os seus animais eram acolhidos da rua e tornavam os seus dias atarefados e cheios de afeto.

Ela educou bem seus filhos e todos seguiram os seus passos no serviço público. Dalva também foi um exemplo de sensatez e palavras alegres, não só para seus filhos, mas também para todos que a conheceram e conviveram com o seu temperamento calmo e acolhedor.

Raquel, a caçula da família, passou seus últimos anos morando e cuidando de Dalva, de quem herdou o amor pelos animais. Como a mais nova da família, precisou desde cedo lutar pelo seu espaço e o fez com altivez e confiança. Ela era assim: forte e decidida a viver conforme os seus próprios propósitos, mas sem nunca esquecer do bem coletivo.

Apesar de possuírem personalidades distintas e compartilharem o amor pelos animais, as duas nutriam um amor incondicional pela sua família.



Raquel faleceu no dia 06 maio de 2021, apenas um mês após a morte da sua mãe.

Maria Cícera

Cícera era uma mulher muito religiosa, a frase que ela mais repetia era “Eu almejo a coroa da vida eterna”. Dedicava horas do seu dia à oração e seus passos sempre foram guiados pela fé.

Sua conduta honesta é motivo de orgulho para seus filhos, que cresceram sabendo que o maior exemplo de suas vidas foi e sempre será sua mãe. Ela ensinava a todos que a fé e o amor ao próximo são os valores mais importantes e a única maneira de deixá-la irritada era conviver com desonestidade e falta de amor.

Espalhava tanto amor e cuidado que transbordou até em suas plantinhas, cuidá-las era uma atividade que fazia rotineiramente. Era com as plantas que ela conversava sobre suas vivências e angústias e é neste jardim cultivado com amor que seus filhos lembrarão das sementes que Dona Cícera plantou em suas vidas.

Seu jardim deu muitos frutos e hoje seus filhos e netos cuidam da sua herança viva com zelo.



Fotografias: Arquivo pessoal cedido pelos familiares



os memoráveis



os memoráveis

BENJAMIN GONÇALVES

SEVERINO PEDRO DA SILVA

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA

SEVERINO VIEIRA DA SILVA

LAUDEANY BRANDÃO

JOSÉ HUGO DE OLIVEIRA ALVIM

VÂNIA MARIA DE OLIVEIRA

ADEILDO JOSÉ DA SILVA

MOACIR DE BARROS MOURA

DIEGO MÁRCIO DE SOUZA GAMA

MARLUSIA GOMES VIANA

LUIZ JOSÉ ALMEIDA RAMOS

MARIA CÍCERA CORREIA DA SILVA

JOSÉ CICERO DA SILVA

JULIANO FIORI

REINALDO VICENTE RIBEIRO

IZA ELEUZA DE CASTRO SILVA

ANDERSON MAGALHÃES SERPA

EDILEUSA GOMES DA SILVA

JOSÉ CÍCERO NOGUEIRA

ANTÔNIO FERREIRA DE AMORIM

JOSÉ EDVALDO DA SILVA

SEVERINA VIEIRA DA SILVA

NELSON VIEIRA TEIXEIRA

DJALMA AVELINO DE SOUZA

HELIO JUGURTA SILVA LIMA
CABRAL

ELBA WANDERLEY CHAVES

GERSON LUIZ DA SILVA

LUCIANA NASCIMENTO

LUIS MALAQUIAS

os memoráveis

KÁTIA MARIA MARTINS DE OLIVEIRA
CARVALHO

MIRIAN DA CONCEIÇÃO SANTOS

MARIA ABIGAIL MARQUES

BENEDITO JOSÉ GOMES DE LIMA

ERIVALDO LOPES DOS SANTOS

MARIA DE FÁTIMA ALVES DUARTE

MÔNICA MALAQUIAS DOS ANJOS

LINALDO MALAQUIAS DOS ANJOS

FRANCISCO CARLOS SOARES GOMES

TEREZINHA RODRIGUES LIMEIRA

DIVANE CANUTO ANDRADE

REJANE CANUTO DE ANDRADE

AUDIFAX DE ALMEIDA SEABRA

GIL VICENTE DE MELO VELOSO

THIAGO FARIAS SANTOS

RONALDO DA COSTA

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS

LUIZA ADALGISA MAGALHÃES

RYCK HALYSSON PADILHA VIEIRA

THEREZA CHRISTINA GUSMÃO

SANDRO MELROS

RUI AGOSTINHO CAMPOS

KLEBER HENRIQUE PEREIRA

GENIR FARIAS ALVES DE MELLO

JOSEFA SEVERO DA SILVA

ALLAN ACIOLE SALLUSTIANO

JOSÉ EDSON DE GODOI

TEREZA NEUMA FRANCO LIMA

MARIVALDO AMANCIO RODRIGUES

GERCINA MARIA MOURA

GUSTAVO HENRIQUE NETO MUNIZ

ROSÁLIA MARIA FRAGOSO

os memoráveis

RONALDO TEIXEIRA DA SILVA

GUSTAVO JOSÉ PIMENTEL

JOSÉ BARBOSA DE MACEDO

MARIA CATAPANO

PAULO CASADO DE FARIAS NETO

DALVA COELHO DE BARROS

RAQUEL COELHO DE BARROS

mídias sociais

 [instagram.com/memoraveisal](https://www.instagram.com/memoraveisal)



 [facebook.com/memoraveisal](https://www.facebook.com/memoraveisal)



 [twitter.com/memoraveisal](https://www.twitter.com/memoraveisal)





sobre a autora

Nasci em Arapiraca, cidade no interior de Alagoas onde desenvolvi minha paixão pela leitura e atividades ao ar livre.

Sou uma jornalista curiosa e inquieta, amo escrever e aprender coisas novas acompanhada de um bom café. Atualmente, moro em Gravatá-PE e me divido entre o trabalho como Assistente de Comunicação e projetos de marketing digital.





Tributo às pessoas que se foram em face da Covid-19